



FÉLIX OU FÊNIX, DUAS METADES DE UM MESMO INDIVÍDUO?

FELIX OR PHOENIX, TWO HALVES OF THE SAME PERSON?

Michele de Oliveira Jimenez¹
Regina Coeli Machado e Silva²

RESUMO: Este artigo pretende compreender a construção da personagem Félix, do romance *Ressurreição* (1971), escrito por Machado de Assis. Para tanto, desenvolve-se algumas contribuições analíticas da antropologia, as quais tematizam acerca de um individualismo como ideologia nas sociedades ocidentais. Nesse sentido, reencenando as ambiguidades e tensões da individualização no Brasil do final do século XIX, Félix divide-se entre a necessidade de amar e não conseguir, de inserir-se na nova ordem social (burguesa) e estar preso ao antigo regime, expressando as dificuldades de se tornar indivíduo na sociedade brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: individualismo; antropologia da arte; Machado de Assis.

ABSTRACT: This article intends to understand the construction of the character Felix, by the novel *Ressurreição* (1971), written by Machado de Assis. For that, some analytical contributions of the anthropology are developed, which discuss about an individualism as ideology in the western societies. This way, reliving the ambiguities and tensions of the individualization in Brazil of the end of the XIX century, Felix is between the necessity of love and can not love, of insert himself in the new order (bourgeois) and to be imprisoned to the old regime, showing the difficulties of became an individual in the Brazilian society.

KEY-WORDS: individualism; anthropology; Machado de Assis.

*“Assim não era possível atingir toda a verdade,
porque a meia pessoa que entrava
só trazia o perfil de meia verdade.
E sua segunda metade
voltava igualmente com meio perfil.
E os meios perfis não coincidem”.*
(Verdade, Carlos Drummond de Andrade)

¹ Bolsista Capes do Mestrado em Letras da Unioeste.

² Professora do Mestrado em Letras e orientadora do trabalho.

Michele de Oliveira Jimenez
Regina Coeli Machado e Silva



Introdução

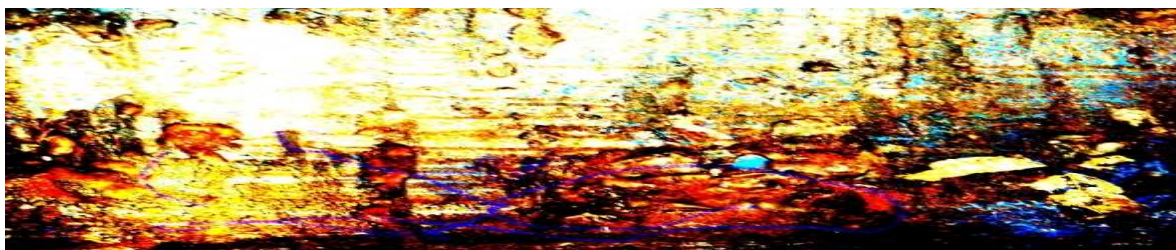
Este artigo pretende compreender o individualismo como ideologia no final do século XIX, tendo por ponto de análise a obra de Machado de Assis, *Ressurreição*, de 1871, livro da 1ª fase do escritor carioca, escrito na decadência do Império no Brasil, sob a tutela de D. Pedro II. Para tanto, serão utilizados autores clássicos do pensamento sociológico, como Durkheim (1999), Mauss (2003), Elias (1994), Dumont (1985), além de autores contemporâneos, como Damatta (1983) e Muricy (1988), além de outros dados advindos da individualização do final do século XIX, no Brasil. O artigo objetiva compreender as tensões no processo de individualização presentes na descrição de Félix, protagonista do romance *Ressurreição*.

Primeiramente, faz-se necessária uma introdução acerca do que se entende por individualismo neste estudo. O termo individualismo foi cunhado por Dumont (1985), a fim de distinguir a sociedade holista, diretamente ligada à Igreja dos primeiros tempos (cristianismo primitivo), dos indivíduos “fora-do-mundo” ou “renunciante”, isto é, que se que sobrepunham a esta ordem, renunciando-a, tendo como objetivo a independência e autonomia perante essa sociedade.

Todavia, foi Durkheim que desenvolveu esse termo em todo o potencial que conhecemos hoje. Durkheim (1999) em seu livro *Da divisão do trabalho social* estuda como a especialização cada vez tem como resultado o processo de individualização da pessoa, e como isso ocorre na transformação do ser individual no ser coletivo. De acordo com ele, o indivíduo é unido por laços de sobrevivência aos seus semelhantes, tornando-se ser social, por esses laços resultantes das funções dentro da coletividade a qual pertence. Todavia, essa função de especialização colabora para tornar a sociedade um todo coeso, pois cada um saberá como deve agir para o bem de sua coletividade, e a divisão do trabalho também ajudará no desenvolvimento da personalidade individual. Dessa forma, embora mais preocupado com a constituição da sociedade, da coletividade, visto que “a vida coletiva não nasceu da vida individual, mas ao contrário, foi a segunda que nasceu da primeira” (DURKHEIM, 1999, p. 279), o sociólogo francês apresenta as condições sociais sobre a constituição do indivíduo, como um homem social.

Como o termo individualismo continua em pauta na sociedade contemporânea, em consonância com Durkheim, Elias (1994), sociólogo contemporâneo, apresenta a conflituosa relação

**Michele de Oliveira Jimenez
Regina Coeli Machado e Silva**



entre indivíduo e sociedade, como ela ocorre, suas implicações sobre o ser individual. Elias (1999) propõe que todo ser individual está ligado por laços invisíveis aos seus semelhantes, ao coletivo, e mesmo que não queira não possui artifícios para fugir disso.

Todo indivíduo nasce num grupo de pessoas que já existiam antes dele. E não é só: todo indivíduo constitui-se de tal maneira, por natureza, que precisa de outras pessoas que existam antes dele para poder crescer. Uma das condições fundamentais da existência humana é a presença simultânea de diversas pessoas inter-relacionadas (ELIAS, 1994, p. 26-27).

Dessa forma, pode-se notar que não há como fugir da sociedade para alcançar a individualidade, pois todo o ser humano necessita de tais laços coletivos para se constituir enquanto tal. Somente no social é que ele se constrói como indivíduo, igual a todos os outros.

No entanto, esse ser individual, pode se tornar único e singular. Do mesmo modo, são esses seres individuais, únicos e singulares, cada qual com sua especificidade, só existem em sociedade. Sociedade e indivíduo só razão de ser em função um do outro. Portanto, “toda a sociedade humana consiste em indivíduos distintos e todo indivíduo humano só se humaniza ao aprender agir, falar e sentir no convívio com os outros” (ELIAS, 1994, p.67).

Dois autores que contribuem bastante sobre o estudo do indivíduo e o processo de individualização é Dumont (1985) e Damatta (1983). O primeiro distingue o indivíduo ser empírico, do indivíduo ser moral. Dumont (1985) identifica o ser empírico como aquele que vemos todos os dias, com desejos, ambições, que pensa, o ser humano *in natura*. Por outro lado, o ser moral é o ser não social, independente, autônomo, desvinculado dos laços sociais, num alto grau de individualização. Nesse sentido, teríamos nas definições desse autor, a seguinte categorização:

- (1) o sujeito *empírico* da palavra, do pensamento, da vontade, amostra indivisível da espécie humana, tal como o observador encontra em todas as sociedades
- (2) o *ser moral*, independente, autônomo e, assim (essencialmente), não social, tal como se encontra, sobretudo, em nossa ideologia moderna do homem e da sociedade (DUMONT, 1985, p. 75, grifos do autor).

Comparativamente, poder-se-ia utilizar dos conceitos de Damatta (1983) acerca da distinção entre pessoa e indivíduo, a fim de exemplificar o ser social, pois que na sociedade brasileira, pessoa e

**Michele de Oliveira Jimenez
Regina Coeli Machado e Silva**



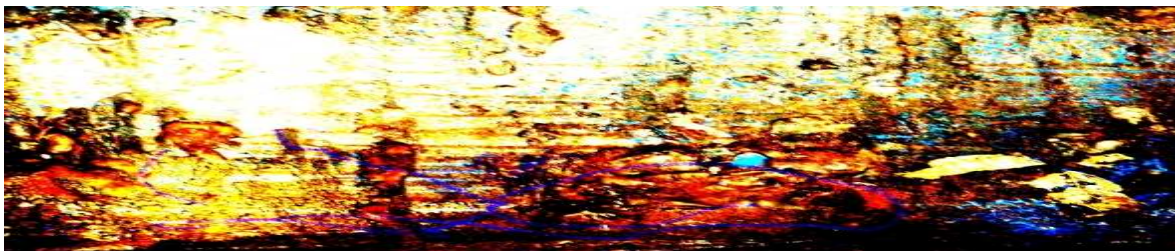
indivíduo formam o que Dumont (1985) entende por ser social. Assim, “a pessoa merece solidariedade e um tratamento diferencial. O indivíduo, ao contrário, é o sujeito da lei, foco abstrato para quem as regras e a repressão foram feitos” (DAMATTA, 1983, p. 169). A pessoa, comparável ao ser empírico, está vinculado à sociedade, enquanto o indivíduo é o ser moral, livre e autônomo. A noção de indivíduo, dessa forma, seria livre das amarras sociais, tendo consciência própria, estando em pé de igualdade com os demais, o que lhe confere direitos advindos de suas escolhas, com emoções únicas e particulares. As regras são delimitadas por ele, sem necessidade de mediação. A noção de pessoa é identificada como estando presa à sociedade, seja por sua consciência coletiva, seja por não ter oportunidades de escolhas, e deve seguir as regras mundanas. Ainda ressaltando as diferenças entre pessoa e indivíduo, segundo Damatta (1983) este tem nas escolhas que faz, seus direitos mais fundamentais, enquanto a pessoa não; a pessoa deve complementar aqueles com quem se relaciona, e o indivíduo é igual a todos os outros. Em relação à literatura, o indivíduo está de acordo com as novelas e romances, por outro lado, a mitologia é a forma de expressão básica da pessoa.

1. A individualização por meio do nome: Félix ou Fênix?

Elias (1994) em *A sociedade dos indivíduos* apresenta essa retrospectiva histórica da constituição do indivíduo, de como ele vem se desvencilhando de suas amarras sociais, desde a Idade Média até a Contemporânea. Além dele, Corbin (1991) discorre em *O segredo do indivíduo* acerca dessa constituição do eu individual, desde a formação dos nomes até aos costumes mais bizarros, como os dos colecionadores, que se individualizam, por suas coleções, cada qual guardando aquilo que mais combinava com a sua postura dentro da sociedade ou sua personalidade.

Nesse sentido, não se pode deixar de destacar as discussões de Mauss (2003), acerca da constituição da pessoa, a noção de eu, pois ela foi sendo constituída, também, por meio dos nomes. Os nomes são um meio de individualização eficaz, visto que marcam não apenas a diferença entre uma pessoa e outra, mas as diferentes funções e posições que essas pessoas ocupam na sociedade. Tal processo de individualização que a sociedade criou, para proteger o indivíduo como ser

**Michele de Oliveira Jimenez
Regina Coeli Machado e Silva**



individual, e não apenas social. É a necessidade de tornar as relações entre as pessoas mais pessoais, a negação do impessoal, que confere aos nomes uma importância em nossa sociedade, sendo uma forma de categorização dos indivíduos, de delimitar quais funções eles ocupariam na hierarquia social.

Em relação a Félix, pode-se notar como o nome influencia em sua trajetória na trama de *Ressurreição*. Félix tem uma ligação muito próxima com outro nome, Fênix, mito do pássaro que renasce das cinzas. Se levarmos em conta que de Félix para Fênix há a troca de apenas uma letra e a tonicidade de outra, poderíamos dizer que Félix renasceu das cinzas de suas desilusões para a felicidade, proporcionada por Lívia, pois o amor por ela o “ressuscitou”³. O nome do romance insinua justamente isso, e a personagem principal em um de seus diálogos com Lívia, afirma que é dela a responsabilidade pelo ressurgimento de seu coração, conseqüentemente de sua vida, e de sua volta à sociedade. De uma posição de **morte**, Félix passa para uma posição de **vida**, representando seu renascimento espiritual, de uma posição passiva para uma posição ativa, de alguém que quer voltar à sociedade, por meio de um amor verdadeiro.

2. Félix e o Brasil do final do século XIX

O século XIX é marcado pelo progresso impulsionado pela Segunda Revolução Industrial, que trouxe outras formas de produção e inovações tecnológicas, tais como veículos, energia elétrica, telégrafo, telefone, fotografias. E o Brasil não ficou distante desse progresso, apesar de sempre estar atrás em termos de tecnologia. No Brasil, a sociedade oitocentista foi marcada pela ruptura com a velha ordem colonial, e a instauração de uma nova sociedade, embasada nos modelos europeus. O sentimento de “identidade individual acentua-se e difunde-se amplamente ao longo de todo o século XIX” (CORBIN, 1991, p. 219). Dessa forma, sentir lisonjeado em um jornal, como relata este autor, era uma forma de individualização, de sentir-se mais importante, de ser reconhecido em sua

³ As aspas se referem ao romance *Ressurreição*, de Machado de Assis. Todas às vezes que as aspas forem utilizadas neste trabalho, elas fazem referência a este romance.



singularidade, esse sentimento valorativo de eu, marcado por honrarias e a meritocracia é comum nas elites desse século.

Novos hábitos foram requeridos com a vinda da família real portuguesa para o Brasil (1808), os quais ao longo dos anos foram incorporados pela sociedade brasileira. Dessa foram, em contraposição aos antigos hábitos coloniais, um novo tipo de homem tornou-se necessário: o burguês. Nos anos finais do século XIX, a sociedade brasileira havia incorporado o novo *modus vivendi* da sociedade européia. A cidade, por sua vez, também havia se modificado e modernizado, e a nova realidade era a urbana e não mais a rural, realidade essa de *Ressurreição*. Era a elite citadina e cosmopolita que ditava as regras, todas nos moldes da burguesia européia, o paradigma da nova sociedade brasileira (MURICY, 1988). Para Alencastro (1997, p.35) “a corte, as embaixadas estrangeiras, o comércio marítimo, as escalas contínuas de viajantes que cruzavam o Atlântico Sul, a chegada de profissionais europeus, engendram no Rio de Janeiro um mercado de hábitos de consumo relativamente europeizados”.

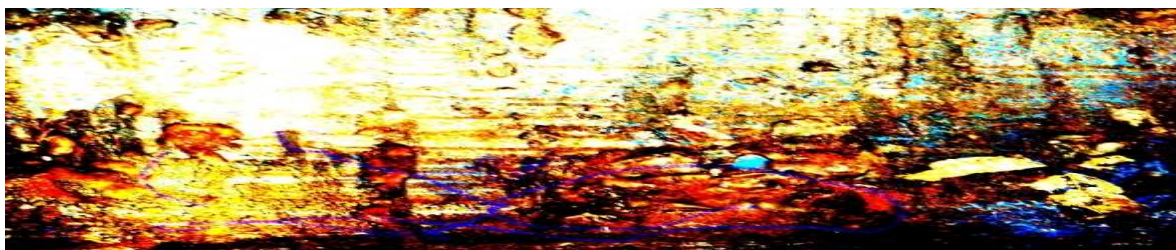
Dessa forma, de acordo com Muricy (1988, p. 53), “para introduzir-se junto à aristocracia era preciso aristocratizar-se, isto é, elevar o *modus vivendi* da família pela adoção dos costumes e dos valores europeus” e era isso que os homens e mulheres deveriam fazer para serem aceitos neste novo regime, e conseqüentemente alcançarem a sua individualização. Muitos procuravam destacar-se nas colunas sociais, com bailes, saraus, no setor político, com discursos inflamados.

3. Félix e as tensões do indivíduo no final do século XIX

Todavia, nada disso atraía a Félix. Havia nele toda uma passividade, que o tornava singular. Tinha trinta e seis anos, idade em que muitos eram políticos, ou bem casados e com uma trajetória social definida, e Félix era apenas um “rapaz vadio” e “sem ambições”. Félix é assim, um indivíduo dividido entre a nova e a velha ordem presente no Brasil. Seu caráter é uma prova disso

não se trata de caráter inteiriço, nem de espírito lógico e igual a si mesmo; trata-se de um homem complexo, incoerente e caprichoso, em que se reuniam opostos elementos, qualidades exclusivas e defeitos inconciliáveis. Duas faces tinham seu

**Michele de Oliveira Jimenez
Regina Coeli Machado e Silva**



espírito, e conquanto formassem um só rosto, eram todavia diversas entre si, uma natural e espontânea, outra calculada e sistemática (MACHADO, 1998, p. 18)⁴.

Poderíamos retomar a discussão apresentada em Dumont (1985) e Damatta (1983) acerca da constituição de indivíduo e pessoa, do ser social, a fim de caracterizar Félix. A fragilidade emocional de Félix, evidente na instabilidade em querer amar e não conseguir, fez com que ele não pudesse nem se desvencilhar nem se amarrar socialmente, por meio do amor⁵ de Lívia. Félix se encontrava dividido entre ser indivíduo ou ser pessoa, segundo Damatta (1983) já que primeiramente é um ser social, um indivíduo que tenta se distanciar da sociedade. Entretanto, é sempre jogado de volta a ela, por sua interação com as pessoas, como Viana e Lívia. É o amor por Lívia que o reintegra à sociedade, o que o torna pessoalizado novamente, em outros termos, um ser empírico.

Muricy (1988), ao discutir esta individualização das personagens machadianas, descreve que elas possuem um *eu* fragmentado, visto que não são o mesmo sujeito nas diferentes relações com as pessoas – é assim com Félix. No trato com seus amigos e com a sociedade em geral, Félix incorporava o papel de indivíduo auto-suficiente. Contudo, o amor de Lívia o tornava uma pessoa singular e nesse mesmo movimento Félix pendia pela vontade de se inserir novamente na ordem social, via casamento, o que lhe garantia o pertencimento à sociedade. Dessa forma, ele tentava se singularizar como pessoa a fim de alcançar a felicidade com Lívia, o que foi impedido pela sua maneira impessoal de distanciar-se da sociedade, por seu medo de machucar-se novamente, seu caráter instável, e a sua resignação a viver só.

⁴ A biógrafa Lúcia Miguel Pereira, em *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, critica *Ressurreição* por ser um livro romântico, o qual não expressava todo potencial crítico que Machado desenvolveria em outros livros, como *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Todavia, a crítica da autora não compreende como Machado já havia captado a divisão ente a ideia romântica e a ideia individual (expressada pelo Iluminismo), a ruptura entre ambas, que estava em vias de se concretizar no final do século XIX, com a ascensão do individualismo moderno. Nesse sentido, Machado se afasta do Romantismo à medida que Félix se aproxima do homem individual, desligado da sociedade, como o homem espontâneo *vs* homem calculado, como Machado aponta para Félix. A tese *Pessoa e trabalho: ética e saberes nas organizações industriais do Ocidente contemporânea*, de Silva (1999) demonstra, por meio da constituição da pessoa moderna, que a crítica romântica ataca o Iluminismo, justamente por ele pregar a emancipação do indivíduo perante às amarras sociais. Sendo assim, Félix está muito mais para o indivíduo iluminista que para o romântico, devido a sua incompatibilidade em se ajustar às amarras sociais.

⁵ O tema do amor e o individualismo foi trabalhado por Eduardo Viveiros de Castro em seu ensaio *Romeu e Julieta e a origem do Estado*, em que o autor analisa o aparecimento do amor, concomitantemente ao surgimento da ideia de indivíduo.

**Michele de Oliveira Jimenez
Regina Coeli Machado e Silva**



De acordo com Elias (1994) essa fragmentação poderia ser entendida como se houvesse um eu, desprovido de nós, pois embora Félix quisesse retornar a ordem social, ele estaria dividido entre o medo de se relacionar com os seres sociais e a necessidade que cada ser humano tem do convívio com os outros, pois somente inserido nesse convívio é que o indivíduo pode se constituir enquanto tal. Nesse sentido, Félix ama Livia, e ele está ciente que pelo casamento sairia de seu isolamento da sociedade, entretanto, há uma tensão em se decidir, que segundo Elias (1994, p.165) é “a experiência subjacente à idéia do eu desprovido de nós é o conflito entre, de um lado, a necessidade humana natural de afirmação afetiva das pessoas por parte dos outros e dos outros por parte dela e, de outro, o medo da satisfação dessa necessidade e uma resistência a ela”.

Até mesmo por Livia Félix era visto como uma alma sem ação, incapaz de procurar ou lutar por aquilo que deseja, totalmente diferente dos demais, de um “nós comum”, nas palavras de Elias (1994). Na concepção de Livia Félix era “espírito caprichoso, visionário e inconstante” ou mesmo uma “imaginação doente” (MACHADO, 1998 p. 59). Um homem resolutamente inapto para o casamento, para a constituição de um pai, com deveres sociais, o que o ressuscitaria para a vida de sua época, pois somente o casamento “poderia transformar o peso de seus defeitos, frutos não de uma atitude voluntária, mas de uma inclinação muito forte, de um ‘temperamento’, e seria responsabilidade deste inserir o médico novamente na ‘ordem saudável da vida social’” (MURICY, 1988, p. 70). O casamento seria a porta de entrada de Félix para a sociedade, todavia, ele preferiu continuar em sua vida de solteiro, de descompromissado com a sociedade, do que se regenerar para ela, do que tornar-se um bom pai, mesmo que fosse do pequeno filho de Livia.

Essa incapacidade de retribuir os sentimentos pode ser justamente pelo alto nível de individualização, como se fosse um eu desprovido de nós, pois pessoas como Félix “perderam a capacidade de retribuí-la [emoção] com a mesma espontaneidade e calor humano quando a encontram” (ELIAS, 1994, p. 168), apesar de quererem com todas as suas forças desenvolver a capacidade de amar, uma vez que ela é uma das condições fundamentais da espécie humana, de acordo com Elias (1994). De acordo ainda com este autor, aqueles que perderam essa capacidade vivem em um embate entre o desejo de relações afetivas (amizades, ou amor) e a incapacidade de conseguir tal intento. Novamente aqui é a fragmentação do indivíduo, entre o dever ser e o que



realmente é, afetando as decisões do protagonista. Félix não consegue se decidir entre amar e voltar à sociedade, ou viver infeliz, mas sem nenhuma amarra a lhe prender.

Félix representa as tensões do indivíduo no final do século XIX, à medida que se distancia dos modelos de homens importantes, pela sua incapacidade de decisão, advinda desse conflito entre tornar-se singular ou inserir-se na sociedade, estar de acordo com a coletividade. Assim, o romance pode ser lido com uma crítica ao homem burguês, aos seus valores (liberdade, vontade, determinação), ao individualismo exacerbado presente nessa nova constituição da sociedade. Nesse sentido, por meio da obra *Ressurreição* foi possível entrever a tentativa de individualização da pessoa, o que até hoje não é bem resolvido na sociedade brasileira, como demonstrou Damatta (1983) em seu estudo *Você sabe com quem está falando? Um ensaio sobre a distinção entre indivíduo e pessoa*. Ao discutir esta individualização, *Ressurreição* apresenta tanto a formação do novo indivíduo requerido pela nova sociedade do final do século XIX quanto os dilemas enfrentados por ele no contexto dos valores tradicionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCASTRO, Luis Felipe. Vida privada e ordem privada no Império. In: _____. **História da vida privada no Brasil: a corte a modernidade nacional**. São Paulo: Companhia das Letras, v.2, 1997.

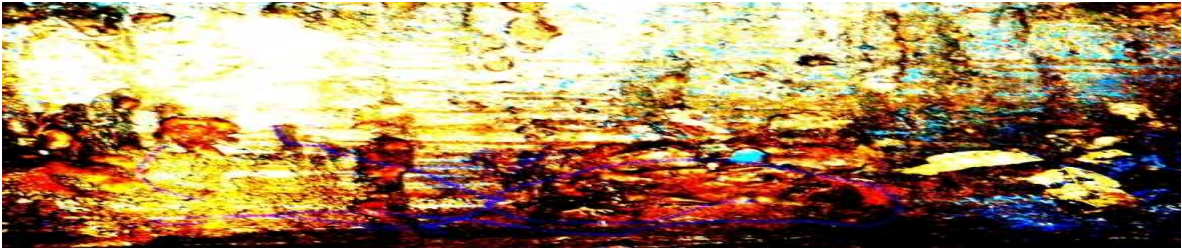
ASSIS, Machado. **Ressurreição**. 12. ed. São Paulo: Ática, 1998.

CASTRO, Eduardo Viveiros; ARAÚJO, Ricardo B. Romeu e Julieta e a origem do Estado. In: VELHO, Gilberto (org.). **Arte e sociedade: ensaios de sociologia da arte**. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.

CLIFFORD, James. Sobre a automodelagem etnográfica: Conrad e Malinowski. In: _____. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

CORBIN, Alain. O segredo do indivíduo. In: PERROT, M. (et al). **História da vida privada: da revolução francesa à primeira guerra**. (tradução Bernardo Joffily). São Paulo: Companhia das letras, v. 4, 1991.

**Michele de Oliveira Jimenez
Regina Coeli Machado e Silva**



DAMATTA, Roberto. Você sabe como quem está falando? Um ensaio sobre a distinção entre indivíduo e pessoa. In: _____. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.** Rio de Janeiro, Zahar, 1983.

DUMONT, Louis. **O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna.** (tradução de Álvaro Cabral). Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social.** (tradução Eduardo Brandão). 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos.** (tradução Vera Ribeiro). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1994.

JARDIM, George Ardilles da Silva. **O individualismo na cultura moderna.** Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/caos/georgeardilles.pdf>>. Acesso: 04 mar. 2010.

MAUSS, Marcel. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa e a de “eu”. In: _____. **Sociologia e antropologia.** (tradução Paulo Neves). São Paulo: Cosac& Naify, 2003.

MURICY, Kátia. **A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo.** São Paulo: Companhia das letras, 1988.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **Machado de Assis: estudo crítico e biográfico.** 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

SILVA, Regina Coeli Machado e. **Pessoa e trabalho: ética e saberes nas organizações industriais do Ocidente contemporâneo.** (tese de doutorado). Rio de Janeiro: UFRJ/ Museu Nacional, 1999.

SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil: República – da Belle Époque à era do rádio.** São Paulo: Companhia das Letras, v.3, 1998.

TAYLOR, Charles. **As fontes do self: a construção da identidade moderna.** (tradução Adail Ubirajara Sobral; Dinah de Abreu Azevedo) São Paulo: Edições Loyola, 1997.